CENOGRAFIA

UMA ATIVIDADE INTERDISCIPLINAR

Universidade Federal de Santa Catarina | UFSC
Departamento de Arquitetura e Urbanismo | Trabalho de Conclusão de Curso | 2018/1
Acadêmica: Bárbara Luísa Makowiescky de Espíndola
Orientador: Ricardo Socas Wiese

RELATIVIDADE DA BELEZA

FÁBULAS

AMOR

LIBERDADE

SABEDORIA

O TEMA

Tendo a paixão pelas artes visuais, principalmente as cênicas, a paixão pela arquitetura e a grande vontade de aliar os dois conhecimentos, descobri a Cenografia. Foi assim que surgiu o interesse pelo assunto e que tomei a decisão de me aprofundar nele e estudá-lo ainda dentro da faculdade.

Pesquisando e indo mais a fundo no assunto, vi que os grandes cenógrafos da antiguidade eram arquitetos e que o conhecimento que estes tinham eram de extrema importância para o desenvolvimento de suas cenografias. Isto não é diferente nos dias atuais; nossa formação, assim como a visão e a percepção que temos como arquitetos nos fazem enxergar como uma cenografia pode e deve ser, localizando-a em um período de tempo e espaço conforme o texto nos guia. Nossa formação artística também nos faz criar e ir além do literal e do objetivo, brincando com o lúdico e com os signos, para transmitir a informação. Além de termos também a noção técnica para trabalhar com materiais normalmente utilizados na cenografia, como madeira, tecidos, mobiliário e diversas outras possibilidades.

Hierarquia Social
Xantós
Agnostos
Cléia
Melita
Esopo

Hierarquia Intelectual
Esopo
Xantós
Cléia
Melita
Agnostos

UM BREVE RESUMO

A peça 'A Raposa e as Uvas', de Guilherme Figueiredo tem por contexto histórico a antiga Grécia e fala sobre a busca do escravo Esopo por sua liberdade. Dividido em três atos, a narrativa possui uma estrutura neoclássica com base tanto na tragédia como na comédia grega.

Conta a história de Esopo, um escravo descrito como muito feio e inútil ao trabalho braçal, mas também muito inteligente e que sonha com a sua liberdade. Numa de suas viagens, Xantós, filósofo de Samos, ao comprar um escravo para o serviço pesado, ganha de brinde Esopo e logo percebe o quanto ele é inteligente. Além de contar muitas histórias, o escravo descobre um tesouro e o entrega ao filósofo em troca de sua liberdade. Xantós, no entanto, em vez de cumprir o prometido, manda espancar Esopo e o leva para casa, entregando-o de presente para sua esposa, Cléia.

No início, Cléia não gosta da ideia de ter um escravo tão feio em casa, mas começa a ouvir as histórias dele e logo a repulsa inicial se transforma em atração e amor. Esopo segue contando fábulas, dentre as quais está a que dá nome à peça, "A raposa e as uvas", na qual uma raposa esfomeada, vê um cacho de uvas no alto da parreira e quer alcançá-lo, mas não conseguindo, se afasta dizendo: "estão verdes". Essa fábula é contada três vezes durante a peça, assumindo significados diferentes em cada ato.

A história segue e Xantós recebe em sua casa o capitão ateniense, Agnostos, descrito como um sujeito de poucas palavras e aparentemente desinteressado. O filósofo ordena que sua esposa e a escrava Melita recepcionem bem o capitão e os dois homens bebem juntos.

Já embriagado, Xantós afirma ser capaz de beber toda a água do mar, enquanto o capitão permanece alheio ao desvaneio do filósofo. Então, Xantós se compromete a beber toda a água do mar e se não o fizer, a entregar todos os seus bens, sua casa e seus escravos a Agnostos. Cleia fica indignada com o marido e vai embora. Desesperado, Xantós pede ajuda a Esopo para trazer de volta sua esposa, em troca de sua liberdade. Nesse momento, ganha espaço na narrativa a escrava Melita, apaixonada por Xantós e que vê na partida de Cléia uma oportunidade para se declarar ao seu dono. Esopo consegue com que Cléia volte para casa, todavia Xantós, mais uma vez, se furta de cumprir o prometido e não liberta o escravo. Cléia se declara a Esopo e conta que retornou por sua causa, mas ele a recusa, recorrendo novamente à fábula para explicar sua rejeição. No dia seguinte, o povo de Samos se reúne na praia à espera de que o filósofo cumpra o prometido e beba toda a água do mar.

Desesperado, Xantós mais uma vez recorre a Esopo, que, mesmo contrariado, decide colaborar com o filósofo em troca de sua liberdade. Esopo soluciona o impasse dizendo que Xantós deve explicar ao povo que ele prometeu beber apenas a água do mar, mas não a água dos rios que correm para o mar e que, se separarem as águas dos rios da água do mar, aí sim ele beberia toda a água do mar. Xantós consegue, assim, resolver novamente seu problema com a ajuda do escravo e, pressionado pelo povo, concede a alforria a Esopo.

A tragédia continua com a prisão de Esopo por ser acusado de furto de uma taça de ouro no templo de Apolo, crime cujo castigo é ser jogado do alto da rocha Miampéia, caso seja cometido por um homem livre, ou ser entregue ao dono para ser castigado, caso se trate de um escravo.

Esopo tem diante de si as duas opções: ou permanece como escravo de Xantós e se livra da pena de morte ou assume sua liberdade e é jogado do penhasco. Entre a morte e a escravidão, ele prefere o castigo dos homens livres; escolhe então morrer como um homem livre. Antes, conta mais uma vez a fábula da raposa e das uvas e, agora, ele é o cacho de uvas verdes, imaturas para o amor, para a glória e para a vida; mas, desde sempre, maduro para a liberdade, o fruto "para o qual nunca se está verde".

Durante minhas pesquisas, alguns pensamentos foram surgindo que me fizeram refletir sobre diversas coisas, e as questões que me nortearam neste trabalho foram duas: o papel do arquiteto enquanto cenógrafo e a interdisciplinaridade para se obter um projeto cenográfico.

A cenografia não se faz sozinha: é a partir da interação com os atores, das alterações feitas pelo diretor, da necessidade de iluminação que ela vai se moldando. E ela se altera o tempo todo; um cenógrafo jamais trabalha sozinho, uma cenografia não pode ser imposta, ela tem que ser trabalhada e moldada em parceria com os demais atuantes.

Foi com isso em mente que busquei entrar em contato com quem já tinha experiência e uma maior intimidade com o teatro. Cursei uma matéria focada na cenografia no curso de Artes Cênicas da UFSC e, a partir daí, me juntei ao grupo duZEUSes na produção da peça "Isto não é uma fábula", adaptação de "A raposa e as uvas" de Guilherme Figueiredo, que teria sua estreia no fim do segundo semestre de 2017.

Este grupo foi um projeto paralelo com iniciativa espontânea dos próprios alunos, que tinham como intenção aprimorar e colocar em prática os conhecimentos adquiridos nos dois primeiros semestres do curso de Artes Cênicas, e coordenada pelo professor Luiz Fernando Pereira. O grupo tinha como diretrizes trabalhar com uma peça que referenciasse os textos gregos clássicos e que a cenografia, figurino e adereços pudessem ser feitos dentro dos conceitos de upcycling, também conhecido como reutilização criativa.

A produção já estava em andamento desde agosto de 2016, quando se iniciaram a elaboração da adaptação do texto e as pesquisas sobre o uso destes materiais. Quando me juntei ao grupo, o processo estava na etapa de elaboração da cenografia (já previamente definida) e de ensaios e retoques de falas e movimentação em palco.

LABORATÓRIO
experiência interdisciplinar

Minha participação tinha como objetivo servir como um laboratório, onde eu poderia entrar em contato com a prática e as situações reais que envolvem uma produção teatral, interligando o conhecimento adquirido em minhas pesquisas sobre o assunto, de maneira a nortear a produção de meu próprio trabalho, pois usaria alguns fatores definidos, como texto e todo o estudo deste e das personagens, bem como o plano de iluminação e a movimentação dos atuantes no palco, para a partir daí desenvolver meu projeto.

Foram feitas uma série de encontros, nos quais produzimos todos os aparatos necessários para o funcionamento da peça. O material base utilizado foi o papelão de descarte. Era preciso a confecção de duas cadeiras, um aparador, utensílios domésticos como taças, bacia e uma ânfora, e um pequeno pilar, feito com rolos de papelão que encontramos em plotadoras e lojas de tecido. Além disso, seriam necessários dois painéis em tecido, que serviriam como fundo, e onde foi projetado a sombra de pilares gregos, impressos em papel transparentes e colocados na frente dos refletores.

Ao final, a produção teve sua estreia no dia 17 de novembro de 2017, durante o projeto "Experimenta UFSC" e a temporada contou com nove apresentações, realizadas em diferentes locações.

"Uma raposa jamais tinha visto o leão. Um dia encontrou-se face a face com ele, e como era a primeira vez que isto acontecia, sentiu tal pavor que quase morreu. Mas, encontrando-se pela segunda vez teve medo, porém menor. Da terceira vez que viu o leão ousou aproximar-se dele para falar com ele. Esta fábula ensina que os nossos olhos se tornam indiferentes ao feio, assim como se habituam à beleza do corpo da mulher amada."

"O pavão zombava da vergonha, e lhe criticava a pobreza de cores de suas penas. Eu me visto de ouro e púrpura; tu nada trazes de belo em tuas asas. A cegonha retrucou: Eu vôo para cantar perto dos astros e alcanço a altura do céu; tu só andas no chão lamacento."

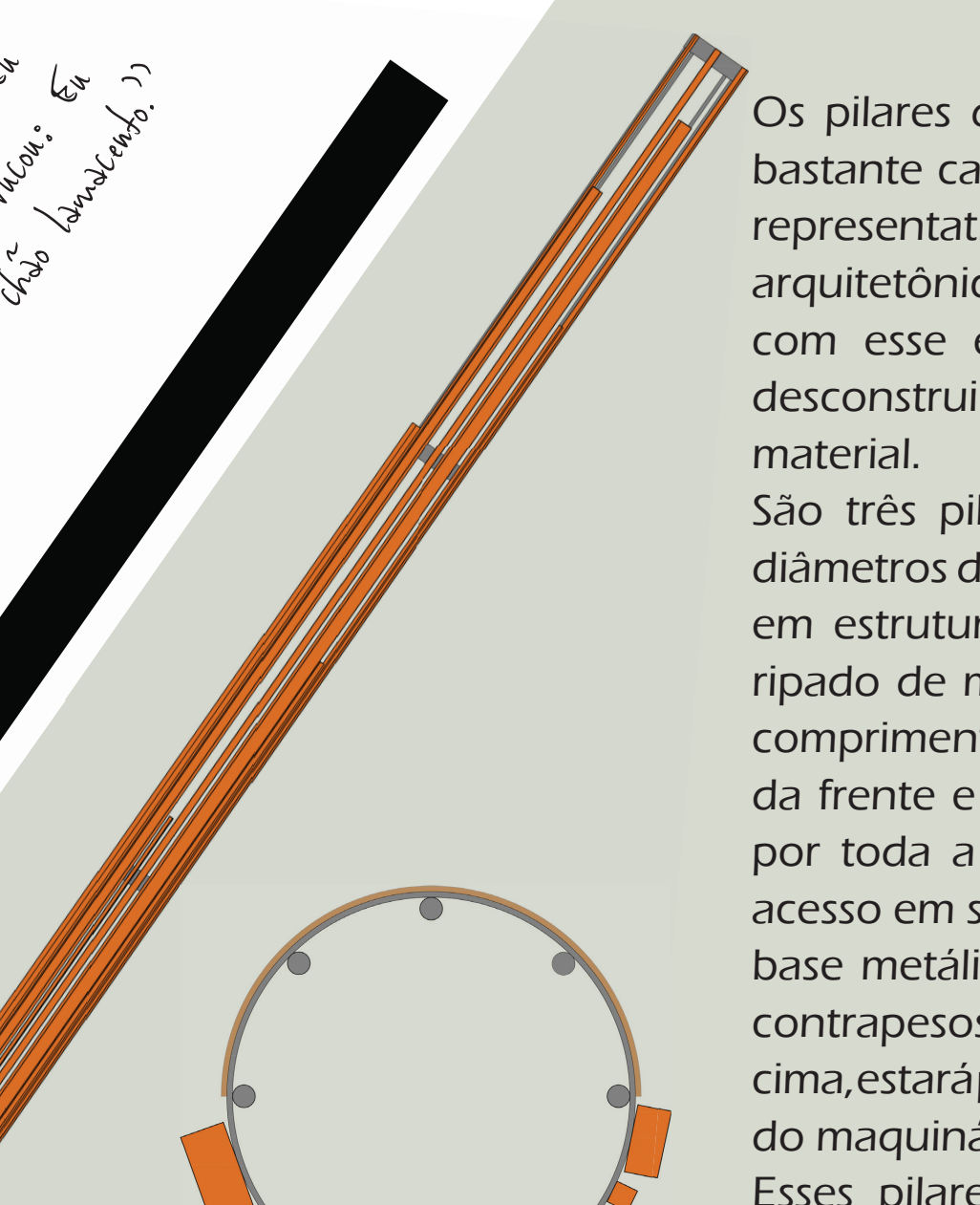
"Um tigre e uma raposa discutiam para ver quem era mais belo. O tigre vangloriava-se incessantemente da vaidade de cores do seu pelo. A raposa então disse: Sou mais bela que tu, porque tenho cores variadas, – não no corpo mas no espírito."

"UMA RAPOSA ESFOMEADA, VENDO UM CACHO DE UVAS NO ALTO DE UMA PARREIRA, QUIS ALCANÇÁ-LA, MAS NÃO O CONSEGUIU. ENTÃO AFASTOU-SE, DIZENDO: ESTÃO VERDES"

"Um lobo, vendo um cão gordo preso por uma coleira, perguntou-lhe quem te alimentou deste modo? Meu dono, o caçador respondeu o cão. Que os deuses me livrem do mesmo destino, exclamou o lobo."

"Enquanto o leão dormia um pobre rato passava sobre o seu corpo. Acordando subitamente, a fera agarrou o animalzinho e ia devorá-lo quando este lhe disse: Solta-me que um dia saberei mostrar a minha gratidão. O leão sorriu da pretensão do rato, mas decidiu libertá-lo. Algum tempo depois, o leão caiu prisioneiro numa armadilha. O rato ouviu os gemidos da fera, dirigiu-se para o lugar de onde vinham os ruídos, roeu as cordas e o leão se libertou."

"A cigarra cantava todo o verão enquanto o escaravelho, armazenava em casa todo o esterco que encontrava. Quando o inverno chegou, a cigarra faminta dirigiu-se à casa do escaravelho e pediu o que comer. O escaravelho perguntou: Por que não guardavas esterco durante o verão? A cigarra respondeu: Eu não tinha tempo para guardar esterco: durante o verão eu cantava. Cantavas? Retrucou o escaravelho. Se cantavas no verão, dança agora no inverno."


Vista frontal
PILAR
sem escala

Seção transversal
PILAR
sem escala

pilares

Os pilares dos edifícios gregos são elementos bastante característicos e marcantes, com uma representatividade muito forte da estética arquitetônica da época. Escolhi trabalhar com esse elemento para fazer essa ligação, desconstruindo sua forma e modificando seu material.

São três pilares inclinados em 60 graus com diâmetros de 35 cm, 50 cm e 70 cm. Construídos em estrutura metálica de 9 m de altura, com ripado de madeiras de diferentes espessuras e comprimentos, presas a esta estrutura na parte da frente e uma chapa metálica em cor cobre por toda a parte de trás, com uma porta de acesso em sua base. Esses pilares possuem uma base metálica, onde serão adicionados alguns contrapesos para uma maior estabilidade. Em cima, estará preso às varas também contrapesadas do maquinário permanente do teatro.

Esses pilares receberão iluminação, apoiados em sua base internamente, com o foco voltado para cima na mesma angulação.

plataforma

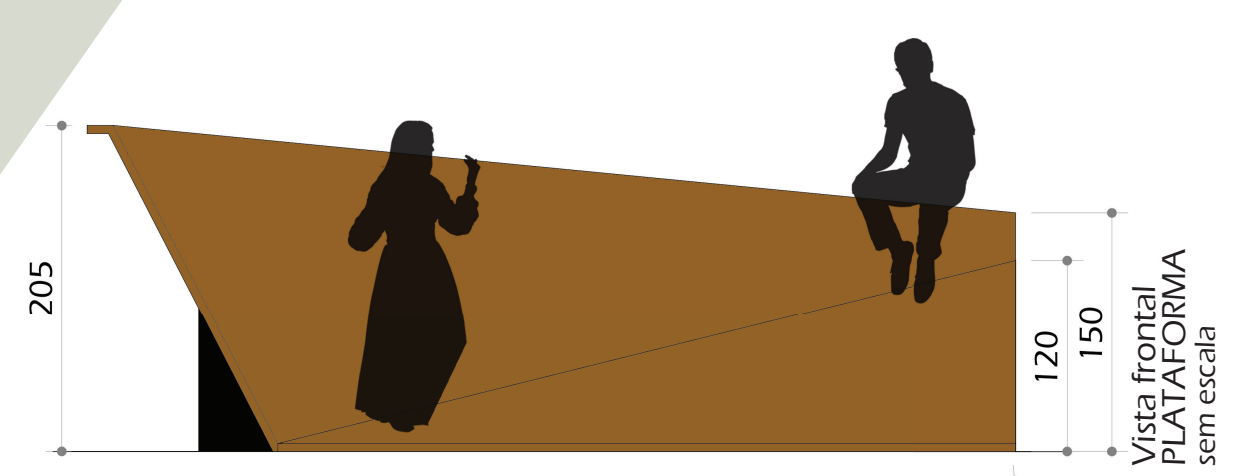
Outro elemento importante para o funcionamento e a transmissão de alguns significados e simbologias é a plataforma central. É por ela que transitarão as personagens e seus níveis representam o posicionamento social, emocional e intelectual destes.

Temos nesta estrutura três níveis principais, que representam os níveis sociais em que se encontram as personagens. Xantós, no topo desta lista, por ser o "sábio" filósofo, tem seu posto no nível mais alto desta estrutura, ora descendo a níveis mais baixos, dependendo com quem se relaciona. Agnostos, capitão e homem, coloca-se logo abaixo deste nível.

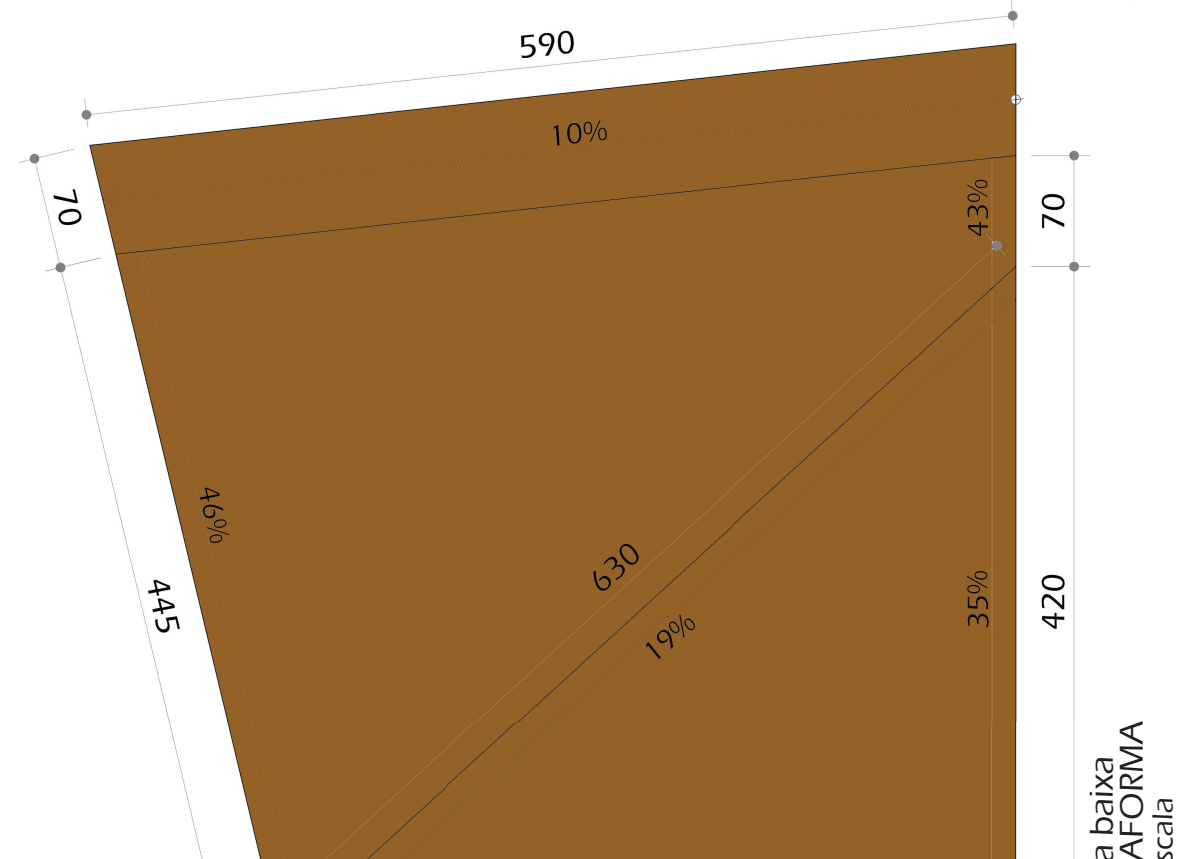
Os dois escravos jamais subirão na plataforma, por serem considerados não-cidadãos, estes não são dignos e somente transitarão ao nível do palco. Cléia, que por ser mulher também não é considerada cidadã, mas ainda num nível acima dos escravos, tem seu lugar na parte mais baixa da plataforma, que somente desce deste posto nas cenas em que conversa com Esopo.

Foi, portanto, com o intuito de evidenciar esta discrepância social, mas que não espelha a real hierarquia de caráter dos personagens, que foi criada esta estrutura.

Construída em estrutura de madeira apoiada diretamente no palco, tem seus fechamentos laterais recuados e pintadas em preto, para dar a impressão que o plano está flutuando.



Vista frontal
PLATAFORMA
sem escala



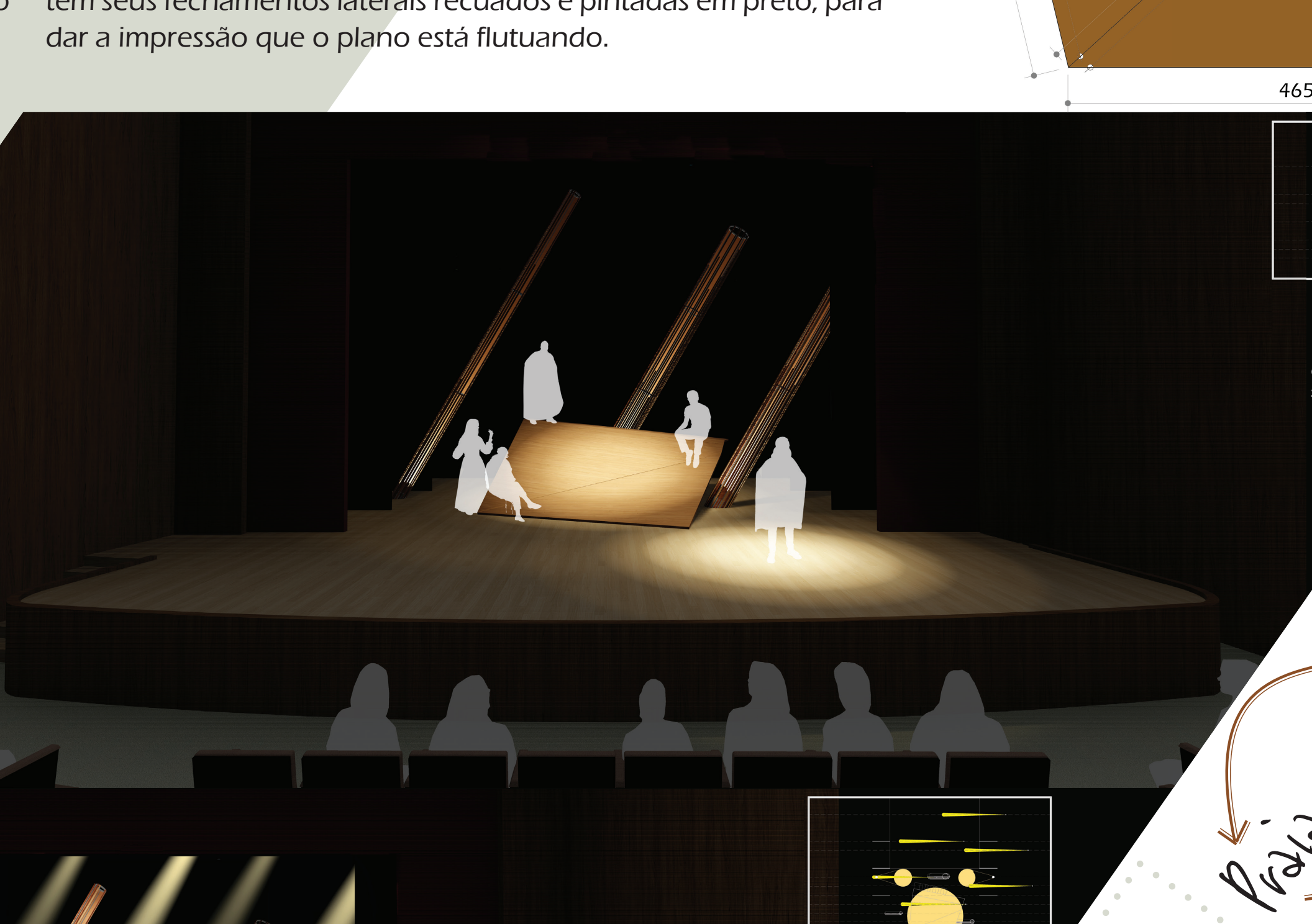
Planta baixa
PLATAFORMA
sem escala

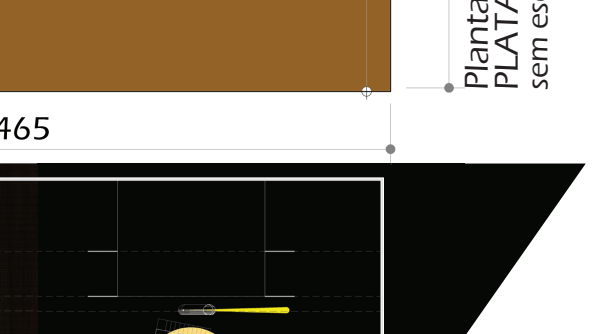
Apesar de ser um texto grego clássico, este tem uma temática bastante atual, levantando questionamentos sobre o direito de cada indivíduo à liberdade e da sociedade livre e democrática. Com isso em mente, optei por trabalhar com uma cenografia mais contemporânea, mas também com elementos que fizessem a ligação entre o período da antiga Grécia e o atual. São três cenários diferentes, com três elementos fixos: Pilares, plataforma e pano de fundo inclinado.

Ágora
Casa
Praia

a casa

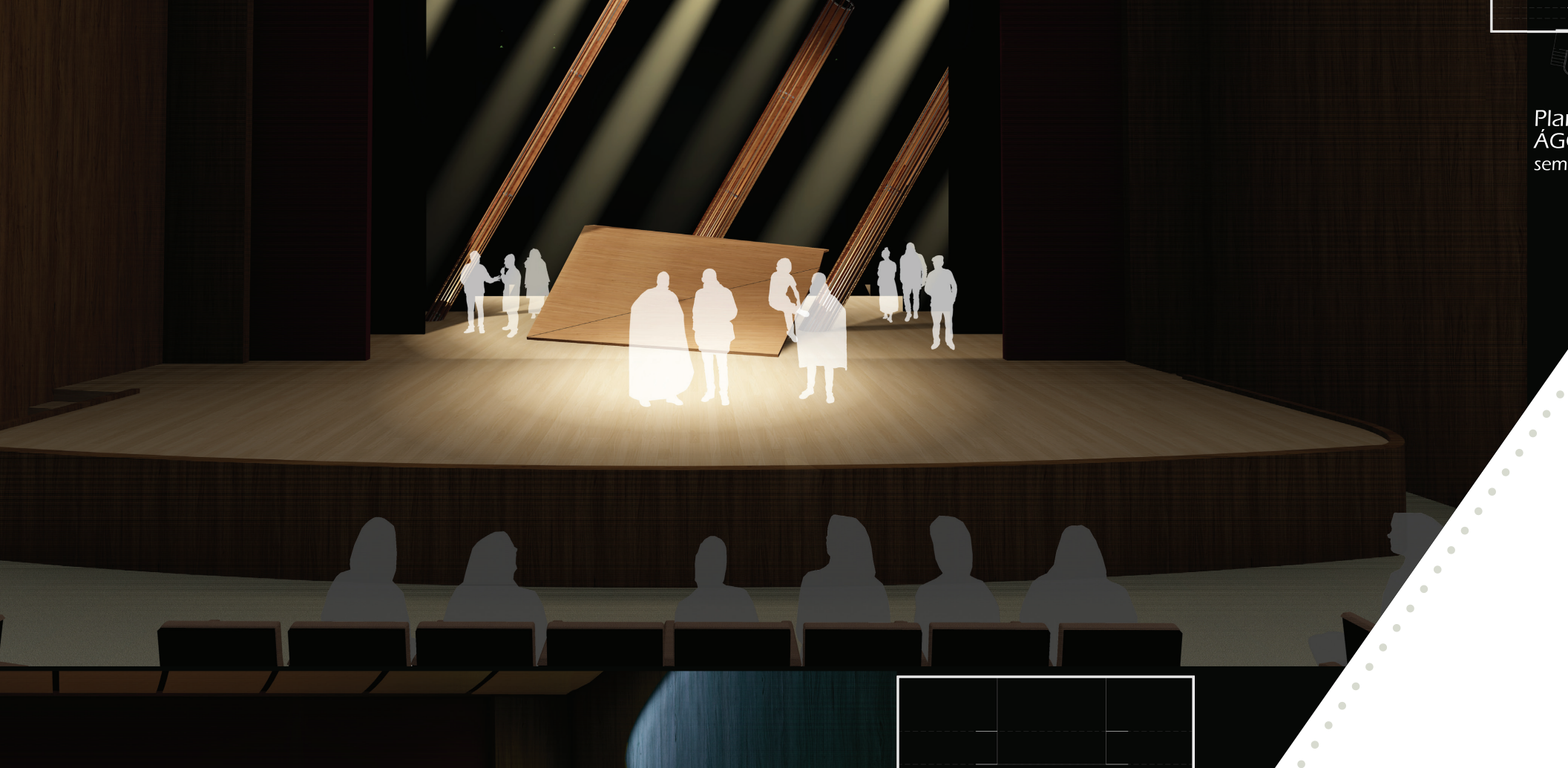
Casa do filósofo Xantós, onde se passa a maior parte da peça. Por ser um ambiente fechado e intimista, é um cenário mais escuro, com a iluminação mais focada na plataforma e nos personagens, com um foco de luz mais amplo em cima de toda a plataforma e um outro foco mais a frente e com o cone mais fechado em cima de Esopo. Neste momento a iluminação dentro dos pilares permanece acesa dando a eles mais destaque. As luzes deste cenário são mais quentes, amareladas e sem nenhuma sonorização de fundo. A intenção é a de criar uma ambiência de lugar fechado, privativo.

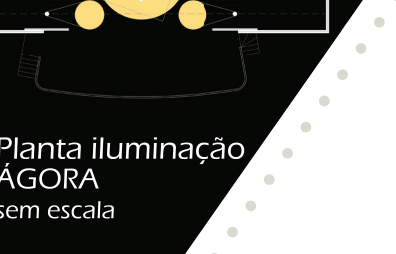



Planta iluminação
CASA
sem escala

a ágora

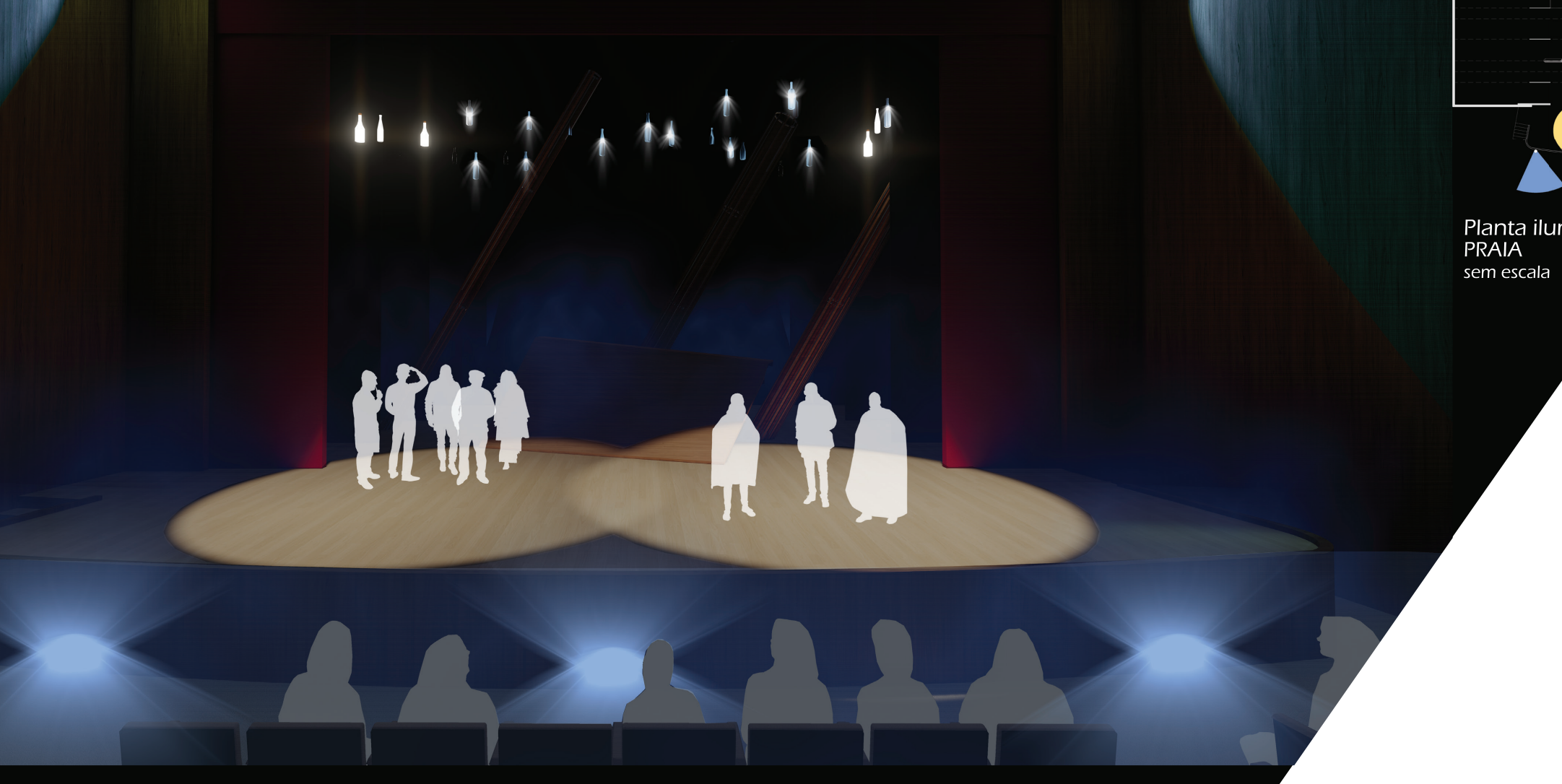
As ágoras eram as praças principais das antigas cidades gregas, eram o ambiente onde a democracia se fazia mais clara e aparente. Comércio, serviços, ensino, encontros sociais, reuniões políticas e religiosas e discussões filosóficas: tudo isso era vivenciado e proporcionado por esses lugares. Contudo, ainda assim, eles não eram para todos. Neste cenário a iluminação é ampliada, uma luz mais difusa e fria passa a predominar, espalhada por todo o cenário. Seis feixes de luz são acionados das varas em direção ao piso com a mesma angulação dos pilares, deixando um forte rastro luminoso e fazendo alusão aos pilares gregos, causando assim a impressão de que as personagens estão em um ambiente aberto, com edifícios aos fundos. Alguns desses feixes refletirão no tecido inclinado ao fundo, fazendo com que terminem antes de chegarem ao chão, dando uma ideia de continuidade. Durante a cena, as personagens principais se colocam na altura do piso do palco mais a frente e personagens diversas perambulam ao fundo do foco, conversando, carregando mercadorias, alguns parados outros transitando de um lado a outro. Neste momento, a plataforma somente é usada para algum figurante sentar. Ao fundo, sonorização de pessoas falando, de vento e de alguns outros elementos sonoros que evidenciam ser um ambiente externo e movimentado.

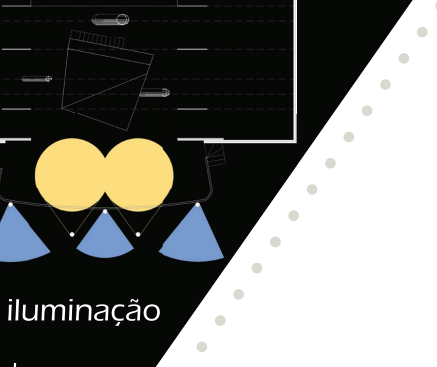



Planta iluminação
ÁGORA
sem escala

a praia

Este é um momento bastante importante na trama, de conflito entre personagens, portanto um momento de tensão e de mudanças. Procurei trazer essas sensações para a estética deste cenário. Com a intenção de aproximar o público à história nesta parte, uma linguagem de praia mais contemporânea e dramática foi criada, onde o público é o mar e o palco, a areia. Para isso, holofotes de luzes azuis são apontadas para a plateia, a partir da base do palco. Para dar uma maior densidade a esta luz, optei por trabalhar também com a produção de gelo seco, em uma quantidade moderada junto aos holofotes e também no segundo plano do palco, atrás da boca de cena. Nesta cena temos as personagens principais mais a frente no proscênio deslocados à direita e atores figurantes logo atrás, deslocados à esquerda, representando o povo de Samos. Em cima destes, dois holofotes com luz equilibrada entre fria e quente, mas intensa. O palco atrás destas personagens ficará escuro, apenas com uma leve iluminação posterior à plataforma, para evidenciar o gelo seco ali presente. Outro elemento bastante importante nesta cena são as garrafas de vidro, com água e pedaços de espelho em seu interior, que descerão lentamente desde o início da cena e ficarão penduradas pelas varas na parte superior da boca de cena, a 5 m acima do palco. Elas são um forte simbolismo da arrogância de Xantós, que jura conseguir beber o mar todo. Os espelhos foram adicionados para dar ainda mais destaque a este elemento, que quando apontadas refletores em sua direção, difundem a luz por todo o espaço, trazendo também uma ambiência bastante interessante. Na sonorização deste cenário temos som ambiente de praia ao fundo, com sons de mar, ondas e gaivotas. Neste momento também haverá uma melodia que reforça o clima de tensão da cena.




Planta iluminação
PRAIA
sem escala